

A África no cinema e nos currículos escolares

Maria Ignês Carlos Magno
Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP.
Professora da Universidade Anhembi Morumbi
e da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.
E-mail: unsigster@gmail.com

ESTÃO NO CORAÇÃO DA ÁFRICA

80% das jazidas de diamantes conhecidas;
60% do ouro do mundo ocidental;
30% do alumínio mundial;
35% das reservas de zinco do Ocidente.
Na Zâmbia e na República Democrática do Congo
encontram-se as maiores reservas de cobre do planeta.
No Marrocos estão 50% dos depósitos de fosfato¹.

Como todos os países de todos os continentes, a África é plural. Portanto, o título do artigo deveria sugerir as primeiras indagações. Mas o singular aqui é proposital, já que a idéia desta Videografia é propor, a partir do filme selecionado, uma reflexão sobre a complexidade histórica e cultural de um continente que, apontado como berço da humanidade e das civilizações, mostra também paradoxos e contrastes: a exuberância de suas paisagens, a força das cores em seus traçados artísticos, as riquezas de seu subsolo e de sua produção cultural e a diversidade lingüística confrontam-se com a miséria a que foi, e é, submetida sua população ao longo dos séculos de dominação estrangeira e das atuais guerras internas.

Se são históricas as singularidades culturais e as divergências políticas, étnicas e religiosas existentes entre os diferentes grupos que surgiram e povoaram a África, também são históricos os processos de dominação, de desestruturação das antigas formas de organização política e econômica, como os aniquilamentos sociais e culturais dos antigos grupos, hoje tratados como tribos mesmo quando constituídos como países independentes.

A escolha do título e dos filmes não se deu ao acaso. É importante esclarecer que toda escolha pressupõe uma intenção. Nesse caso, são duas: a possibilidade de discutir, além das histórias da África em si, por exemplo, os meios de comunicação no contexto de uma guerra, em *Hotel Ruanda*, e os personagens emergentes e emblemáticos como os senhores da guerra e as crianças soldados, em *Diamante de Sangue*; a segunda intenção relaciona-se à introdução do estudo da História da África nos currículos escolares.

1. ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. Estrutura espacial do imperialismo, independência política no século XX e o contexto geopolítico contemporâneo. Educação: africanidades. Brasil: Ministério da Educação, 2006.

Apesar de existir uma produção cinematográfica africana, a tímida divulgação e distribuição dificultam a introdução de filmes e documentários africanos para serem trabalhados juntamente com os produzidos por europeus e norte-americanos. Ao final desta Videografia apresentarei três documentários disponíveis na Aliança Francesa e na Cinemateca.

FICHA TÉCNICA

Hotel Ruanda

Gênero – Drama

Direção – Terry George

Roteiro – Keir Pearson e Terry George

Produção – Terry George e A. Kitman Ho

Música – Rupert Gregson-Williams, Andrea Guerra e Martin Russell

Fotografia – Vincent G. Cox e Robert Fraisse

Desenho de produção – Johnny Breedt e Tony Burrough

Direção de arte – Emma MacDevitt

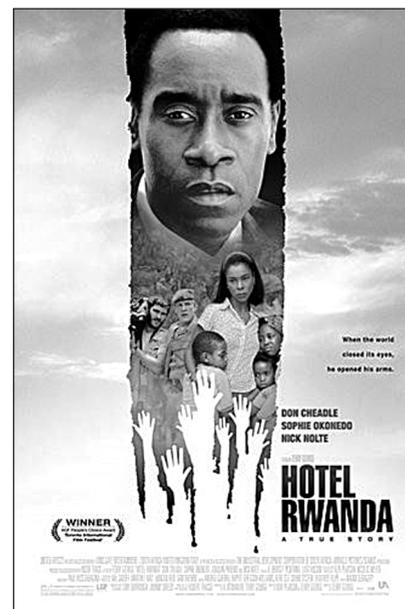
Figurino – Ruy Filipe

Edição – Naomi Geraghty

Efeitos especiais: Baseblack/Capital FX

Duração – 121 minutos

Lançamento (EUA/Itália/África do Sul)
– 2004



Em 1994, um conflito político em Ruanda levou à morte quase um milhão de pessoas em apenas cem dias. Sem apoio dos demais países, os ruandeses tiveram de buscar saídas em seu próprio cotidiano para sobreviver. Uma delas foi oferecida por Paul Rusesabagina (Don Cheadle), gerente do hotel Milles Collines, localizado na capital do país. Contando apenas com sua coragem, Paul abrigou no hotel mais de 1.200 pessoas durante o conflito.

Do ambiente cinematográfico à complexidade histórica e cultural

O filme escolhido foi ambientado em *Ruanda*, país situado na África Oriental, e em Serra Leoa, localizada na África Ocidental. Além dessas regiões,

o território africano ainda conta com a África Central, a África Meridional, a África do Norte, a África Insular Atlântica e a África Insular Índica.

Para Fernand Braudel, a compreensão da realidade africana passa pelo conhecimento de sua geografia, uma vez que ela era mais importante do que sua história. Concordando, em parte, com o historiador, acredito, no entanto, que só podemos entender as narrativas dos filmes se compreendermos, além de sua geografia, as diversidades históricas, étnicas e lingüísticas existentes nas regiões em que as histórias se desenrolam.

Iniciando por Ruanda, segundo os historiadores e estudiosos da África, os primeiros grupos humanos a chegar à região foram os pigmeus *twa*. Os *hutus* e os *tutsis*, de origem *bantu*, aí se instalaram durante o período de expansão dos *Bantos*. A África *Banto* compreende as regiões de Gabão, Congo-Brazavile, Congo-Kinshasa, Angola e Moçambique. Embora 98% da população de Ruanda e de Burundi seja composta de hutus e tutsis, que apresentam, perto de outras regiões africanas, menor heterogeneidade étnica, não é menos problemática a situação se pensarmos que a região banto, de acordo com Yeda Pessoa², compreende um grupo de mais de 300 línguas muito semelhantes, faladas em 21 países subequatoriais. Um mosaico étnico que tem seu mapeamento dificultado porque muitos grupos étnicos possuem o mesmo nome de agrupamentos lingüísticos. Para termos idéia dessa complexidade étnica e lingüística, vejamos como Nelson Basic Olic e Beatriz Canepa descrevem o que chamam de babel lingüística:

Existem no continente africano pelo menos 1.500 línguas, cada uma delas com importância bem desigual. Algumas possuem milhões de locutores; outras são faladas apenas por poucos milhares de indivíduos. [...] Uma das classificações dessa imensa babel lingüística existente na África identifica algumas famílias lingüísticas: a *Koisan*, formada por cerca de 30 línguas faladas por aproximadamente 200 mil indivíduos das etnias hotentote e bosquímanos, encontradas especialmente na Namíbia e Botsuana. O *camito-semítica* ou afro-asiática, constituída pelos ramos semítico (árabe e etíope), berbere, cauchítico e chadiano. [...] a *Nilo-saariana*, que se estende de forma descontínua do Chade ao Sudão e à RDC. Essa grande família é formada por 140 línguas faladas por cerca de 50 milhões de indivíduos. A *nigero-congolesa* ou *banta*, que ocupa grande parte da porção centro-sul da África ocidental, [...] é formada pelo menos por sete grupos, que abarcam cerca de mil línguas com mais de 400 milhões de locutores. Línguas *veiculares ou de relações*, [...] servem de comunicação entre os povos de línguas diferentes. São exemplos desse grupo o *suaíli*, de grande importância na África oriental, e o *haussa*, no norte da Nigéria e no Níger. O *malgaxe*, uma língua apenas, a única exclusivamente asiática, de origem *malaio-polinésica*, falada por cerca de 20 milhões de pessoas na ilha de Madagáscar. Línguas européias, idiomas herdados da colonização, principalmente o inglês, o francês e o português. [...] Na República Sul-africana, o *africâner* se constitui um caso particular: originário do holandês, é falado pela maioria dos brancos e dos mestiços daquele país³.

O filme conta a história do genocídio ocorrido em Ruanda no ano de 1994. E se o ódio e a disputa pelo poder entre hutus e tutsis levaram à morte cerca de um milhão de pessoas, historicamente as rivalidades entre esses dois grupos

2. PESSOA, Yeda. A influência de línguas africanas no Brasil. **Educação**: africanidades. Brasil: Ministério da Educação, 2006.

3. OLIC, Nelson Basic; CANEPA, Beatriz. **África**: terra, sociedades e conflitos. São Paulo: Moderna, 2004. p. 39-41.

étnicos tiveram início no século XV, quando os tutsis passaram a dominar a sociedade e instituíram um governo aristocrático.

Se retomarmos o começo do filme, veremos quando o operador de câmera de uma emissora de TV pergunta a um jornalista de Kigali qual a verdadeira diferença entre um hutu e um tutsi; ele responde que, “segundo os colonos belgas, os tutsis são mais altos e elegantes”, e finaliza a conversa dizendo que “foram os belgas que criaram essa divisão”. Podemos entender o significado de sua fala se recuperarmos o fato de que, ao contrário da maioria dos reinos africanos, Ruanda não teve sua história decidida na Conferência de Berlim (1885) e só foi entregue à Alemanha em 1890, na Conferência de Bruxelas.

Após a derrota da Alemanha na Primeira Guerra, Ruanda passou para o domínio Belga, que impôs um governo duro e manipulou as classes altas dos tutsis para que reprimissem a população. Com o fim da Segunda Guerra, Ruanda teve seu território protegido pelas Nações Unidas. A Bélgica continuou como autoridade administrativa. Desde a independência em 1962, Ruanda esteve nas mãos dos tutsis.

As sucessivas reformas internas tornaram os hutus o grupo político dominante. As represálias, agora, eram contra os tutsis. A crise se agravou ainda mais quando, em 5 de julho de 1973, o general Juvenal Habyarimana, então ministro da defesa, destituiu Grégoire Kayibanda, dissolveu a Assembléia e aboliu todas as atividades políticas. Juvenal se manteve no poder até 6 de abril de 1994, quando foi assassinado; nesse período, começaram os massacres entre os dois grupos étnicos.

Para melhor nos situarmos no contexto da história ficcionada pelo cinema, ainda que de maneira ligeira, é importante retomarmos outros dados referentes ao período em que Juvenal esteve no poder. Em dezembro de 1978, uma nova constituição foi aprovada e Juvenal confirma-se como presidente, sendo reeleito nos anos de 1983 e 1988, como candidato único. Àquela época, no entanto, já sofria pressões para que reformas fossem efetuadas. Em julho de 1990, expôs sua intenção de transformar Ruanda em uma democracia multipartidária.

Nesse ano, a Frente Patriótica Ruandesa (FPR), formada por exilados tutsis, invadiram Ruanda pela fronteira de Uganda. Em 1993, firmaram um acordo de paz – o Acordo de Arusha –, na Tanzânia. Diante do acordo, Ruanda passaria por um período de transição, com um governo composto por hutus e tutsis. Com o assassinato de Juvenal, durante os três meses que se seguiram, o genocídio, que de acordo com a jornalista britânica Linda Melvern fora planejado e discutido abertamente, foi posto em ação e entrou para a história como um dos maiores do século XX, depois do holocausto. O saldo foi de 800 mil mortos, sob o olhar indiferente do mundo e, principalmente, dos órgãos responsáveis pela manutenção da paz no mundo, no caso, a ONU, que foi alertada e sabia sobre os acontecimentos, mas preferiu ignorá-los, assim como a Bélgica, a França e os Estados Unidos.

Finalizando a parte histórica do conflito sobre o qual o filme trata, dez anos depois do massacre que ficou conhecido como o *Genocídio de Ruanda*,

resta uma outra parte que ainda é realidade. Desde 2000, o atual presidente de Ruanda é Paul Kagame.

Nascido em Gitarama, Kagame é de origem tutsi e imigrou com sua família para Uganda durante as perseguições dos hutus. Foi ele quem fundou a Força Patriótica Ruandesa (FPR), em 1986. Ao lado de outros tutsis, desde a formação da FPR, seu objetivo era tomar o poder. Aproveitando-se da crise instaurada com o genocídio, invadiu Ruanda, encerrou o conflito e formou um governo de coalizão: como presidente Paster Bizimungu, de origem hutu, e ele, como vice-presidente. Em 2000, depois de desentendimentos com Bizimungu, Kagame assumiu o poder. Em 2003, foi eleito por sufrágio universal, embora suspeitas de fraude e intimidação da população recaíssem sobre seu governo.

No entanto, o que interessa, além de todo o processo político e as mudanças promovidas em Ruanda, são duas revoluções em curso e sob o comando de Paul Kagame e Romain Moransi: a educacional e a tecnológica. Assunto que será retomado.

A mídia no contexto da guerra e da paz

Embora o conhecimento histórico seja importante para entendermos o conflito, vale a pena olhar e discutir o filme *Hotel Ruanda* quanto ao uso da mídia no contexto de uma guerra. A despeito de ter um caráter de denúncia sobre o genocídio de 1994, também nos mostra como os meios de comunicação atuaram naquele momento.

Do diálogo inicial entre o câmera da TV e o jornalista, às negociações pelo telefone pelo protagonista do filme, Paul Rusesabagina, à fragilidade de seus argumentos ante o descrédito do cinegrafista, até os desdobramentos que provocou na mídia e em diferentes setores da sociedade, o longa-metragem pode ser discutido sob a ótica dos meios de comunicação no contexto da guerra. Em especial, o diretor mostra como as rádios de Kigali, capital de Ruanda – Rádio Television Libre de las Mil Colinas (RTL) e Rádio Ruanda –, alimentavam a histeria e a violência das milícias armadas, sendo que a RTL teve papel fundamental na disseminação da violência no confronto entre hutus e tutsis.

Em artigo denominado *Discurso de incitación al ódio o la violencia – Ruanda*⁴, podemos acompanhar a atuação dessa rádio no genocídio de 1994. O primeiro ponto levantado foi o de a estação ser instrumento dos extremistas hutus, e não uma rádio que cobrisse os dois lados da história. O segundo ponto analisado se concentrou na mudança de direção da rádio durante os meses que antecederam o genocídio, quando ainda difundia de forma divertida uma campanha antitutsi, dizendo que eles preferiam ouvir a RTL à sua própria estação.

Assim que começou o genocídio, passou a dar detalhes daqueles que deveriam ser açoitados e assassinados, a ponto de dizer números de placas de carros e descrições individuais. Segundo o artigo, na reforma de 1989, o governo de Ruanda não cuidou do sistema de rádio e televisão do país. Não havia uma estação que destacasse ou refletisse opiniões distintas sobre o conflito, cabendo

4. <<http://www.aceproject.org/main/espanhol/me/meyo7>>.

apenas à estação pró-hutu, a Rádio Ruanda, noticiar *o que e como* queria. Em texto que discute a cumplicidade da mídia no massacre de 1994, publicada em 25 de agosto de 2005, Alceu Luis Castilho escreve: “classificados de *baratas*, os tutsis eram caçados pelos facões das milícias, pelas balas militares e pelos microfones”⁵. Para o jornalista, com quem concordo, o filme de Terry George discute com intensidade o papel da mídia na percepção sobre o massacre. O livro do jornalista francês Jean Hatzfeld, *Uma Temporada de Facões: Relatos do Genocídio em Ruanda*⁶, relata que nos estúdios das rádios populares, como a *Rádio Ruanda* ou a *Rádio Mil Colinas*, os tutsis eram chamados de *baratas*, e apresentadores famosos como Simon Bikindi e Kantano Habimana pregavam abertamente a destruição desse povo. Para entendermos a denúncia do diretor de *Hotel Ruanda* sobre a atuação da mídia no massacre, basta lembrarmos que as primeiras falas do filme são sobre as ameaças veiculadas em uma estação de rádio.

Hotel Ruanda foi realizado dez anos após a tragédia de 1994. Já que a ficção, por ter a realidade como base de sua narrativa, não pode mudar o acontecido, é interessante observarmos como os meios de comunicação – no caso o cinema, ao trazer à superfície uma história que a mídia internacional na época quase ignorou, afinal eram tribos em conflitos – podem provocar novas discussões e desdobramentos históricos. É claro que desde os acontecimentos de 1994, instituições e diferentes setores da sociedade civil têm-se mobilizado em apurar fatos, denunciar a barbárie e pedir justiça. Procuram divulgar histórias como as das 250 mil mulheres estupradas, em que 70% delas foram infectadas com o vírus HIV; ou acirrar discussões sobre a formação de uma corte criminal internacional permanente.

No entanto, foi o filme, ao mostrar o genocídio e o papel das rádios no contexto daquela guerra, que recolocou a história do massacre na mídia. Fez ressurgir-la nas páginas impressas, nas TVs, na internet e também na sala de aula não apenas como ilustração de um fato, mas, e principalmente, para que possa ser discutida em todos os seus aspectos, inclusive descobrir o porquê de o livro didático dedicar apenas cinco linhas à história de Ruanda.

Ainda sobre Ruanda e os meios de comunicação no contexto de guerra e paz, é essencial acompanharmos a situação atual do país e, uma vez mais, atentarmos para a atuação das tecnologias de comunicação, em especial para a revolução tecnológica no campo educacional, que vem sendo implementada pelo atual ministro de Tecnologia e Pesquisa de Ruanda, Romain Moranzi. Em depoimento citado por Ethevaldo Siqueira, Romain diz que o grande desafio de Ruanda hoje é o de alfabetizar, de dar educação de qualidade, de informatizar e oferecer acesso de banda larga à internet, bem como uma TV educativa e cursos especializados para milhares de garotos de 11 a 15 anos. Para o ministro:

Nosso único caminho para o desenvolvimento é a educação, que Ruanda transformou em prioridade máxima por tempo indeterminado. Com esse projeto educacional, Ruanda quer alcançar o *status* de nação culta e economicamente avançada. Talvez em vinte anos. Começamos o trabalho há pouco menos de três anos. Centenas de alunos, contudo, já estão aprendendo a usar computador e *softwares* avançados de *CAD* e *3D*⁷.

5. Castilho, Luis Alceu. *Hotel Ruanda*: filme mostra como a mídia foi cúmplice do massacre. Disponível em: <<http://www.reportersocial.com.br/noticias>>. Acesso em 11 jul. 2007.

6. Hatzfeld, Jean. *Uma temporada de facões*: relatos do genocídio em Ruanda. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

7. <<http://www.telecom.org.br>>.

São dados históricos que servem, uma vez mais, para discutirmos a situação de Ruanda. De acordo com parte da mídia, toda essa mudança interna foi idealizada e está sendo posta em prática por Paul Kagame, atual presidente de Ruanda. Com 49 anos, Ph.D. em Educação e eleito com 95% dos votos em 2003, Kagame, no entanto, é visto como ditador por alguns membros da imprensa, que o acusam de legitimar seu poder ao se apresentar como aquele que pôs fim ao massacre. O que não é revelado, de acordo com os jornalistas, é o quanto também massacrado para chegar ao poder. A mídia diverge: segundo certos jornalistas, integrantes do Tribunal Penal Internacional para Ruanda (TPIR), criado em 1995, a instituição do presidente se deu como convinha aos seus criadores; já para outros, ele é tido como um ruandês empenhado em reconstruir Ruanda. Paul Kagame é tutsi, mas faz questão de se apresentar como ruandês.

A sala de aula e a possibilidade de entender as edições da história

Nesse breve texto sobre história e meios de comunicação, também ficou claro que os homens lêem e contam as narrativas a partir de pontos de vista próprios e de ideologias, e os meios de comunicação compõem e atuam nesse universo. Parte desse universo de leituras e edições das histórias é representada pelo livro didático e pela sala de aula. E não precisamos pesquisar muito para vermos essas edições históricas. Basta observarmos os sumários e os capítulos dedicados ao estudo dos povos (todos) do continente africano, ou irmos direto ao texto de Anderson Ribeiro Oliva⁸ e acompanhar os gráficos. Um deles nos mostra que, dos livros didáticos pesquisados, apenas 29% possuem capítulos sobre a África, contra 79% do restante. Quanto ao número de páginas dedicadas ao estudo da África, 45% dos livros reservam 10 páginas; 18%, entre 10 a 15; 9%, entre 15 e 20, e apenas três livros, 27%, destinam mais de 20 páginas ao assunto.

Esses poucos exemplos nos dão uma primeira idéia da edição histórica que os livros didáticos fazem e que levamos à sala de aula; e, muitas vezes, por falta de espaço, pela carga horária, deixamos como está, ou seja, contribuímos para a reprodução de uma história construída sob certa ótica e ideologia. Não precisamos, no entanto, levar toda a culpa, pois a dominação e a construção de uma visão histórica foram tão fortemente marcadas pela colonização e neocolonização, que nem mesmos os povos africanos, após conquistarem a independência, mudaram as estruturas estabelecidas pelo colonizador; como, por exemplo, as divisões territoriais e o modelo de estado implantado pelo europeu na África. Aliás, esse pode ser um dos temas propostos para discussão dentro da nova proposta do MEC sobre o ensino da História da África nos currículos escolares.

Nessa linha de raciocínio, além de *Hotel Ruanda* ter sido sugerido como entretenimento e possibilidade de discutir a história no contexto dos meios de comunicação, outros temas sobre esse país podem compor tal leitura, como: a geografia e os povos que o habitam, ou que tiveram de deixar seus espaços para viver em outros países, ou ainda que se refugiaram no seu território; a vegetação

8. OLIVA, Anderson Ribeiro. A história africana nas escolas: abordagens e perspectivas. **Educação: africanidades**. Brasil: Ministério da Educação, 2006.

e as questões ambientais latentes ou manifestas, reais; e as fronteiras naturais e sociais. Enfim, a África Equatorial, com seus ecossistemas distintos, a Bacia do Congo e o Planalto dos Grandes Lagos, com suas tragédias e riquezas. Para além dos conflitos, uma paz construída sobre as riquezas de seu subsolo, segundo Olic.

Após a destruição dos hutus, os tutsis afirmaram a dominação sobre as áreas produtoras de diamante e ouro, e fecharam contrato com companhias internacionais para extração de minérios estratégicos, usados pela indústria bélica e encontrados na região congoleza de kivu, situada à leste do país⁹.

Para além da história e das leituras dos meios, aprofundar os estudos da geografia propostos por Fernand Braudel é uma forma de compreendermos as muitas razões encontradas nos subterrâneos dos acordos políticos e econômicos; razões essas que estão, na maioria das vezes, no subsolo do continente. No coração da África, localizam-se 80% das jazidas de diamantes conhecidas; 60% do ouro do mundo ocidental; 30% do alumínio mundial; 35% das reservas de zinco do Ocidente; na Zâmbia e na República Democrática do Congo encontram-se as maiores reservas de cobre do planeta; e no Marrocos estão 50% dos depósitos de fosfato. Em contrapartida, outras regiões são palco de guerras e conflitos, como Serra Leoa, ficcionada em *Diamante de Sangue*.

FICHA TÉCNICA

Diamante de Sangue

Título original – Blood Diamond

Gênero – Aventura

Site oficial – <<http://www.diamantedesangue.com.br>>

Estúdio – Warner Bros. Pictures/Virtual Studios/Spring Creek Productions/Initial Entertainment Group/Bedford Falls Productions

Distribuição – Warner Bros

Direção – Edward Zwick

Roteiro – Charles Levitt, baseado na história de Charles Levitt e C. Gaby Mitchell

Produção – Gillian Gorfil, Marshall

Herskovitz, Graham King, Darrell Roodt,

Paula Weinstein e Edward Zwick

Música – James Newton Howard

Fotografia – Eduardo Serra

Desenho de produção – Dan Wreil

Direção de arte – Peter Wenham

Figurino – Ngila Dickinson

Edição – Steven Rosenbum

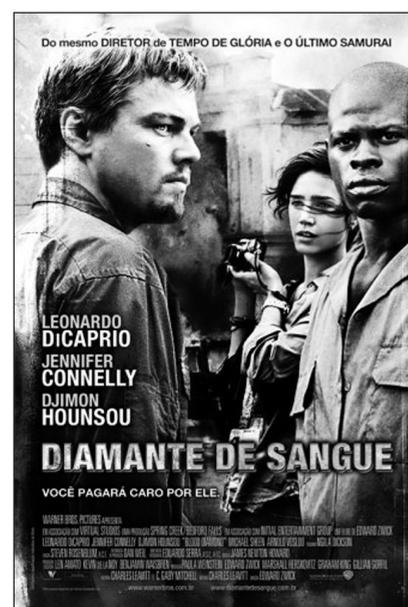
Efeitos especiais – Pixel Magic/Chains/11:11

Mediaworks/Flash Film Works/LOOK!

Effects Inc./Rising Sun Pictures

Duração – 138 minutos

Lançamento (EUA) – 2006



<<http://www.adrocinema.com/filmes/diamante-de-sangue/diamante-de-sangue.asp>>

9. OLIC; CANEPA, op. cit., p. 110.

Serra Leoa, final da década de 1990. O país está em plena guerra civil, com conflitos constantes entre o governo e a Força Unida Revolucionária (FUR). Quando uma tropa da FUR invade uma aldeia da etnia Mende, o pescador Solomon Vandy (Djimon Hounsou) é separado de sua família, que consegue fugir. Solomon é levado a um campo de mineração de diamantes e obrigado a trabalhar. Lá ele encontra um diamante cor-de-rosa com cerca de 100 quilates. Solomon consegue escondê-lo em um pedaço de pano e o enterra, mas é descoberto por um integrante da FUR. Nesse exato momento ocorre um ataque do governo, que faz com que Solomon e vários dos presentes sejam presos. Ao chegar à cadeia, lá está Danny Archer (Leonardo Di Caprio), um ex-mercenário nascido no Zimbábue que se dedica a contrabandear diamantes para a Libéria, de onde são vendidos a grandes corporações. Danny ouve um integrante da FUR acusar Solomon de ter escondido o diamante e se interessa pela história. Ao deixar a prisão faz com que Solomon também saia, propondo-lhe um trato: que ele mostre onde está o diamante escondido, em troca de ajuda para encontrar sua família. Solomon não acredita, mas, sem saída, aceita o acordo.

Embora a temática de *Diamante de Sangue* seja a história do diamante, e o foco principal, o contrabando e os interesses de diferentes grupos e facções pelo controle das inúmeras minas de diamante de Serra Leoa, o filme nos apresenta dois personagens contemporâneos que merecem um estudo mais cuidadoso: o senhor da guerra – “que não



pertence a nenhum grupo que está no poder, mas é muito poderoso; é, ao mesmo tempo, um combatente, um aproveitador e um traficante”¹⁰. Um dos mais conhecidos foi Jonas Savimbi, angolano morto em combate em 2002 – e os meninos(as)-soldados. Esse personagem ficou conhecido mundialmente durante a guerra de Serra Leoa, em que estiveram em combate mais de 300 mil soldados durante os anos de 1991 a 2002, período dos conflitos na região.

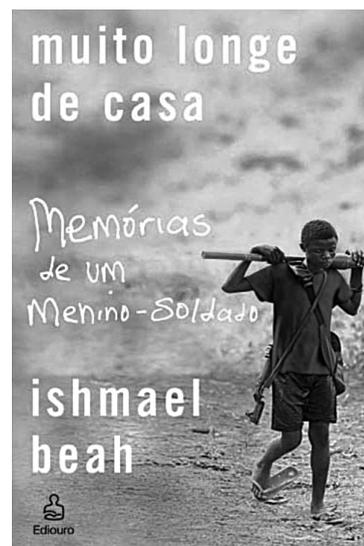
O filme mostra uma das formas como essas crianças são levadas para os exércitos e transformadas em soldados. Porém, existem outras, como, por exemplo, a da sobrevivência. Se nosso conhecimento sobre os meninos-soldados é pequeno, quase nada sabemos sobre as meninas-soldados. De acordo com os atuais estudos, são causas mais complexas do que a dos meninos, e o rapto é uma delas. Seus papéis variam de esposas, escravas, espiãs, enfermeiras e mesmo combatentes ativas. Outras vezes, são entregues pelas famílias como forma de pagamento, ou vítimas de estupro.

O que precisamos compreender também é que os países africanos não são os únicos a usar a criança em suas diferentes guerras, mais de vinte ao todo.

10. Ibid., p. 59.

Também Angola, Burundi, Sri Lanka, Colômbia, Timor Leste, El Salvador, Turquia, antiga República Federal da Iugoslávia e Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo), apenas para citar como exemplo. As formas de reintegração e direitos humanos podem compor ainda o quadro de estudos. Um deles pode se dar a partir da leitura e discussão do livro do escritor leonense Ishmael Beah¹¹, hoje com 27 anos, e que pertenceu ao exército rebelde de Serra Leoa, desde os 13 anos de idade, quando seus pais foram mortos.

Como podemos observar, as possibilidades de estudo são tão variadas quanto a complexidade das histórias e das culturas dos povos africanos; Ruanda e Serra Leoa são exemplos de algumas delas. Seguindo os ensinamentos dos velhos anarquistas sobre a importância de se ler ao contrário, ou seja, ler além do que está escrito, o que está nas entrelinhas, nas imagens expostas e nas imagens ausentes. O que é dado a ver e o que é ocultado. E esse talvez seja um dos caminhos da sala de aula: ser o avesso, um espaço de busca do que não está dado ou exposto. Ou, o contrário, o que exatamente está ou será dado a conhecer...



DOCUMENTÁRIOS

Ruanda In Memoriam

Documentário em PB

Lançamento (França/Senegal) – 2003

Direção – Samba Félix N’Diaye

Duração – 68’

Entre abril e julho de 1994, o massacre dos tutsi e dos hutus moderados fez um milhão de vítimas. Pela iniciativa de Fest’Africa, uma dezena de autores africanos se encontrou para uma oficina em Kigali, quatro anos depois do acontecido, procurando quebrar o silêncio dos intelectuais africanos a respeito do genocídio. Em maio de 2000, durante o lançamento de uma série de obras inspiradas na experiência, escritores e artistas africanos e de outros lugares se reuniram em Ruanda. Ante os rastros do genocídio, Samba Félix N’Diaye encontra a justa medida, filmando o inominável, mas deixando uma mensagem de esperança.

Contos Cruéis de Guerra

Documentário em PB

Título original – Contes Cruels de la Guerre

Lançamento (França/Congo/França/Mauritânia) – 2002

Direção – Ibea Atondi e Karim Miské

Duração – 51’

11. BEAH, Ishmael. *Muito longe de casa*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

Através da narração de uma volta ao Congo-Brazzaville, seu país natal, Ibea Atondi lança um olhar singular sobre as guerras da África contemporânea. Fascinada com a loucura assassina de Mignon, um miliciano destruído pelo álcool e pela droga, a narradora tenta descobrir os mecanismos que o levaram, e a seus companheiros, a perder toda dignidade humana. Para evocar o horror da guerra, não há imagens de violência, mas um trabalho metafórico apoiado em depoimentos de vítimas e carrascos.

Rastros, Pegadas de Mulher

Documentário em PB

Título original – Traces, Empreintes de Femmes

Lançamento (França/Bélgica/Burkina Faso/Senegal) – 2003

Direção – Katy Léna Ndiaye

Duração – 52'

As pinturas murais das mulheres kassenas de Burkina Faso, perto da fronteira com Gana, são famosas pela beleza do traçado e pela harmonia de cores. Interessada no assunto, Katy Léna Ndiaye escolhe comparar tradição e modernidade através do retrato de três anciãs e da *neta* que elas iniciam nas técnicas ancestrais. Ela realiza um filme com maestria estética, um verdadeiro retrato de uma comunidade artística, por onde se discutem a transmissão de ensinamentos, a educação e a memória numa África em mutação.

Resumo: A proposta da Videografia é uma reflexão sobre a complexidade histórica e cultural do continente africano, que, apontado como berço da humanidade e das civilizações, mostra também seus paradoxos e contrastes. A escolha do filme *Hotel Ruanda* se deu em função das possibilidades de discutir, além das histórias da África em si, os meios de comunicação no contexto de uma guerra e a introdução do estudo da História da África nos currículos escolares. Para auxiliar a atividade, a autora apresenta uma lista de filmes e documentários existentes sobre o assunto.

Palavras-chave: educação, África, cinema africano, história, linguagem.

Abstract: This Videography proposes a reflection on the historical and cultural complexity of the African continent that, pointed as the cradle of Humanity and Civilizations, shows also its paradoxes and contrasts. The choice for the motion picture *Hotel Rwanda* was made because, besides the histories of Africa itself, it makes possible discussions on media in war context and the introduction of the African History in school curricula. To help the activity, the author presents a list of existing motion pictures and documentaries about the topic.

Keywords: education, Africa, African cinema, history, language.